

*Poverty to the War on Crime: The Making of Mass Incarceration in America* [Da guerra contra a pobreza à guerra contra o crime: a produção do encarceramento em massa nos Estados Unidos], não havia nada que não fosse evitável na trajetória dessas políticas públicas.

O projeto de desmonte do estado de bem-estar social esteve intimamente ligado à construção da ideia de que os estadunidenses negros das áreas urbanas, confinados em zonas de pobreza concentrada, são merecedores de sua situação. O racismo codificado serviu para a construção da pobreza enquanto uma falha moral pessoal. Uma análise estrutural da pobreza urbana foi deixada de lado e uma narrativa racializada da patologia cultural foi retomada. Ao responsabilizar pelo próprio sofrimento aqueles mais duramente atingidos por mudanças cataclísmicas na economia (atribuindo sua situação à preguiça, à propensão ao crime e à inferioridade cultural), os estadunidenses negros foram, ao mesmo tempo, considerados *merecedores de punição*. A conversão da pobreza em falha moral pessoal estava intimamente conectada à construção dos negros estadunidenses como descartáveis e sujeitos ao encarceramento em massa. O racismo antinegro, e não apenas a motivação para o lucro, está no cerne do encarceramento em massa. Assim, o título deste livro, *Capitalismo carcerário*, não é uma tentativa de postular a carceralidade como um efeito do capitalismo, mas de pensar sobre o *continuum* carcerário que existe paralela e inseparavelmente à dinâmica do capitalismo tardio.

## **Violência gratuita**

Há discordâncias fundamentais entre as pessoas que usam o capitalismo racial como instrumento de análise (seja com ênfase na dívida, no trabalho ou na expropriação) e aquelas que usam uma lente afro-pessimista, que está parcialmente centrada na violência gratuita como uma característica definidora do racismo antinegro. O foco na dinâmica do capitalismo e em como as populações negras são trapaceadas por esse sistema (como trabalhadoras ou devedoras) ignora o fato de que a condição de existência do capitalismo global

era a escravidão negra – um legado que continua até hoje sob iterações modificadas. Sob a escravidão, os negros eram – enquanto sujeitos racializados – considerados mercadorias; e não eram os donos da sua força de trabalho, como os trabalhadores brancos, nem da propriedade, tal qual o capitalista. Wilderson escreve, para o desgosto de Michael C. Dawson, que

o trabalho é uma categoria branca. O fato de milhões e milhões de negros trabalharem não explica nada. A questão é que nunca se pretendeu que fôssemos trabalhadores; em outras palavras, o capital e a supremacia branca não nos imaginam incorporados ou inseridos. Desde o início, estivemos destinados a ser acumulados e à morte. [...] Hoje, no final do século XX, ainda não se espera de nós que sejamos trabalhadores. Estamos destinados à prisão e à morte.

Dawson responde que essa afirmação está “fundamentalmente errada: fomos trazidos aqui para trabalhar, e para morrer.”<sup>73</sup> O que está em jogo nessa discordância talvez seja a questão de saber se a racialização do negro se dá por meio da lógica da *descartabilidade* ou da *explorabilidade*.

A ideia de que o “trabalho” é uma categoria branca ignora que tanto a supremacia branca quanto o capitalismo se adaptam, de maneira flexível, às condições históricas em constante transformação. Pense no Decreto de *Juneteenth*<sup>74</sup>, que foi emitido para libertar escravos no Texas:

O povo do Texas é informado de que, de acordo com uma proclamação do Executivo dos Estados Unidos, todos os escravos estão livres. Isso implica uma igualdade absoluta de direitos pessoais e de direitos de propriedade entre antigos senhores e escravos, e a conexão até agora existente entre eles torna-se aquela entre empregador e trabalhador contratado. Os libertos são aconselhados a permanecer quietos nos locais onde moram e a trabalhar por salários. Eles são informados de que não há mais quantia alguma a receber nos postos

militares e de que não terão apoio caso estejam ociosos, seja nesses ou em outros lugares.<sup>75</sup>

O Decreto de *Juneteenth* recodificou a relação senhor-escravo (entre proprietário e propriedade) na relação empregador-trabalhador, não obstante o tenha feito completamente nos termos dos (ex-) proprietários de escravos. Assim, os trabalhadores negros recém-libertos – embora lhes tivessem sido prometidos direitos pessoais e direitos de propriedade – não tinham liberdade de contrato, pois o regime legal que então surgira visava a regular a mobilidade negra a partir da criminalização da vagabundagem. Marx, junto com economistas políticos clássicos, afirmou que as condições necessárias para a acumulação capitalista eram, como Harvey resume, “mercados competitivos de livre funcionamento com arranjos institucionais de propriedade privada, individualismo jurídico, liberdade de contrato e estruturas legais e governamentais apropriadas, garantidas por um Estado ‘facilitador’ que também garante a integridade da moeda como estoque de valor e meio de circulação.”<sup>76</sup> Uma análise sob o enfoque do capitalismo racial deve estar alinhada às maneiras pelas quais a liberdade contratual ou o direito à proteção da lei e do governo nem sempre foram, historicamente, aplicados às pessoas negras, mesmo quando incorporadas ao sistema capitalista como trabalhadoras. Seja como devedores, inquilinos ou trabalhadores, os termos da exploração e da expropriação se operam diferentemente entre os estadunidenses negros e brancos.

Neste livro, sustento que a racialização do negro se dá, ao mesmo tempo, por meio das lógicas da descartabilidade e da explorabilidade. Enquanto analiso como o governo e as instituições financeiras se utilizam de mecanismos de extorsão, desenhados para pilhar as populações estadunidenses negras, também estou ciente de que esse caminho de pensamento pode levar ao entendimento de que o racismo é racional, já que, dessa maneira, ele pode ser reduzido a um conjunto de determinantes econômicos ou à motivação pelo lucro. Uma análise pelo viés do determinismo econômico apenas faria encobrir e suavizar a brutalidade crua do racismo estadunidense. Para os afro-pessimistas, não é a esfera econômica que forma a “base” da qual emerge a

“superestrutura” da sociedade civil, da política e da cultura, mas é a violência antinegro que possibilita e se torna uma necessidade para o capitalismo global, para a liberdade, a sociedade civil e a vida comunitária de sujeitos brancos (e não negros). Em suma, a violência antinegro não é um desvio dos supostos valores liberais estadunidenses de igualdade, multiculturalismo e liberdade – ela é a fundação sobre a qual os Estados Unidos foram erguidos.

Embora as análises do capitalismo racial sejam muito mais refinadas do que as caricaturas do marxismo articuladas pelos pensadores afro-pessimistas, as análises que focam em como o racismo é impulsionado pelo capitalismo e instrumentalizado para a obtenção de ganho monetário podem acabar se esquivando da dimensão psicológica intratável do racismo. Em “*Beyond the Wages of Whiteness: Du Bois on the Irrationality of Antiblack Racism*” [Para além da recompensa da branquitude: Du Bois e a irracionalidade do racismo antinegro], Ella Myers descreve como as análises boiseanas sobre raça, que reduzem a branquitude a uma “recompensa pública e psicológica”, levam em conta, de maneira seletiva, apenas parte das considerações de W. E. B. Du Bois sobre a forma como se opera a supremacia branca. Essas análises se baseiam na narrativa do dividir para conquistar: o racismo dá suporte ao capitalismo ao criar uma cisão na classe trabalhadora e fornecer uma compensação psicológica aos brancos explorados, o que, por sua vez, permite a continuidade do funcionamento do capitalismo ao impedir a cooperação política entre pessoas brancas e negras da classe trabalhadora. No entanto, se Du Bois se concentra na dimensão proprietária da branquitude (quando escreve que a branquitude é “a dona da terra, para todo o sempre, Amém”), Myers observa que ele também estava atento às maneiras pelas quais a supremacia branca era sádica, definida tanto pela “sede de sangue” como pela exploração econômica e compensação psicológica. Ainda que Du Bois acreditasse inicialmente que o racismo fosse uma questão de ignorância – e que o conhecimento poderia libertar os brancos de suas ilusões raciais –, depois de testemunhar o linchamento de Sam Hose, um homem negro do estado da Geórgia, ele reconheceu a profundidade do ódio que os brancos nutriam pelos negros e se desiluiu com as ciências sociais. Du Bois – que se orgulhava de sua meticulosidade acadêmica e compromisso com a objetividade – estava prestes a entregar “uma declaração cuidadosa e

bem fundamentada sobre os fatos evidentes” a respeito do caso de Hose quando soube do linchamento. Em sua autobiografia de 1940, *Dusk of Dawn* [Crepúsculo da alvorada], ele escreveu que havia “considerado axiomático que o mundo quisesse aprender a verdade”.<sup>77</sup> A compreensão de que o ódio racial superava a razão esclarecida o havia levado a duas conclusões: “primeiro, não se podia ser um cientista calmo, frio e imparcial enquanto os negros eram linchados, assassinados e morriam de fome; e em segundo lugar, não havia uma demanda definida para o trabalho científico do tipo que eu estava fazendo”.<sup>78</sup> Além disso, Du Bois tornou-se mais ciente das dimensões “irracionais” do racismo no início da era freudiana: “Eu agora comecei a perceber que, na luta contra o preconceito racial, não estávamos enfrentando apenas as determinações racionais e conscientes da opressão dos brancos sobre nós, negros; estávamos enfrentando complexos de longa data, agora em grande parte submersos no hábito inconsciente e no impulso irracional”.<sup>79</sup> Como o teórico decolonial martinicano Frantz Fanon, Du Bois foi capaz de oferecer uma narrativa do racismo em várias camadas, combinando uma análise marxista do capitalismo com uma análise psicanalítica da vida inconsciente do racismo.

Os afro-pessimistas, ao focar na violência gratuita como uma das características definidoras do racismo antinegro, também chamam a atenção para a dimensão psicológica intratável do racismo. O assassinato e a tortura de pessoas negras (homens, mulheres, pessoas trans e não binárias) são manifestações “irracionais” do racismo na medida em que essas ações não podem ser claramente atribuídas a uma causa econômica – e podem, na verdade, até ser economicamente prejudiciais quando a violência policial antinegro resulta em departamentos de polícia tendo que pagar milhões de dólares em acordos oficiais ou quando policiais violentos perdem seus empregos em meio à pressão pública (embora policiais raramente sejam condenados quando assassinam pessoas negras). Mesmo que seja muito possível que, financeiramente, as indenizações pela violência policial prejudiquem mais os moradores do que os departamentos de polícia, seria equivocado limitar a violência policial a termos econômicos, ainda que o policiamento, em sua totalidade, funcione para manter socialmente os

estadunidenses negros em seu lugar. É provável que o desejo de fornecer uma explicação funcionalista para a violência policial decorra de uma incapacidade de enfrentar os aspectos mais perturbadores da supremacia branca: o fato de que alguns brancos – especialmente os policiais – possuem um prazer sádico em dominar, brutalizar e matar pessoas negras. Ademais, não é apenas uma questão de alguns brancos serem sádicos; a branquitude enquanto categoria é, em parte, mantida pela violência ritualizada contra os negros e pelo consumo branco de imagens espetacularizadas desses atos. A identidade branca se consolida nos momentos em que a posição do espectador é compartilhada e quando os brancos têm a oportunidade de habitar o mesmo espaço afetivo que outros brancos, tal qual quando participam coletivamente de linchamentos como observadores.

No momento em que escrevo esta introdução, ao longo de uma única semana, três julgamentos separados, ligados ao assassinato a tiros de um homem negro por um policial, não resultaram em condenações. Após a absolvição de Jeronimo Yanez – o policial que atirou em Philando Castile –, a mãe de Castile, Valerie Castile, fez um potente discurso aos repórteres que estavam reunidos para ouvir as declarações da família. Quando ela falou sobre o julgamento, sua declaração ecoou os pensamentos de Du Bois após o linchamento de Sam Hose: a verdade não havia servido de nada para trazer justiça. Imagens de câmeras revelaram que Castile estava em seu carro e que ele calmamente sinalizou que estava carregando uma arma (legalmente). Quando o policial gritou para que ele não sacasse a arma e ele calmamente respondeu que não iria fazê-lo, o policial atirou nele sete vezes. Dado que Castile vivia na região de Saint Paul, em Minnesota, onde a elaboração de um perfil racial é uma prática comum da polícia, não é de se surpreender que, antes desse encontro fatal, Castile tenha sido parado pela polícia cinquenta e duas vezes por pequenas infrações de trânsito.

Evidências empíricas (como as imagens de vídeo) que revelam policiais matando pessoas negras sem motivos exercem muito pouco efeito sobre as crenças de algumas pessoas brancas de que as ações policiais são justificáveis. Veja, por exemplo, as imagens de Yanez atirando em Castile. Alguns comentaristas conservadores afirmaram que, quando Castile disse que não

pegaria sua arma, o que ele realmente havia dito é que a pegaria. Essa “interpretação” é factualmente errada e insensata enquanto explicação. Por que Castile calmamente indicaria que estava carregando uma arma de fogo se planejasse atirar no policial? Mesmo os muitos comentaristas não simpáticos a Castile tiveram de admitir, com base no vídeo, que o oficial estava com vontade de apertar o gatilho, mas justificaram ficar do lado do policial caracterizando Castile como um bandido, identificando-o, portanto, como indigno de simpatia. Um comentarista do YouTube observou: “Esse policial não tinha treinamento de tiro, e isso é inteiramente culpa dele [...] Mas algumas pessoas estão agindo como se Castille [*sic*] fosse uma espécie de santo, ELE NÃO ERA!”<sup>80</sup>

Ao ler os comentários, fiquei impressionada com a forma com que o racismo afeta as pessoas no nível da percepção, permitindo-lhes criar uma realidade alucinada que se conforme às suas expectativas pré-determinadas. Assim, as expectativas raciais delirantes permitiram que um comentarista conservador ouvisse Castile dizer “vou sacar minha arma” ao assistir o vídeo de Yanez atirando nele. Da mesma forma, o policial Darren Wilson imagina que Mike Brown se transformou no Hulk enquanto o multava; e o policial Raymond Tensing imagina uma ameaça que não é comprovada pelas imagens da câmera acoplada a seu corpo quando atira em Samuel DuBose. Quando as imagens de câmera não amparam a alegação do policial Tensing de que ele havia atirado em DuBose porque seu braço estava preso no volante e DuBose tentava fugir, o julgamento, em vez de ter nisso um motivo para condenar o policial, passou a se pautar pelo que estava na “cabeça” do policial no momento em que ele atirou – em outras palavras, passou a considerar se era plausível que Tensing “imaginasse” uma ameaça.

Esse caso expõe a falácia da crença de que as câmeras corporais irão inibir o policiamento antinegro. Essa “solução” não só amplia o estado de vigilância, como também parece mais provável que as imagens capturadas pelas câmeras corporais sejam usadas contra as pessoas que estão sendo policiadas e não contra os policiais que recebem *legalmente* o arbítrio para atirar nelas. As declarações da irmã e da mãe de Castile interrompem essa linha de pensamento desejada: mesmo a verdade (capturada pela câmera) não trará “justiça”, já que

as instituições julgadoras foram sistematicamente projetadas para falhar com os negros (e não apenas para falhar, mas para serem usadas *contra* eles). O desespero e a raiva crua na voz de Valerie Castile quando ela diz que o “sistema segue falhando com os negros” rompe o mito da equidade e justiça estadunidenses. A irmã de Philando Castile, Allysza Castile, ecoou esse sentimento quando terminou sua declaração com o mantra “nunca terei fé nesse sistema; nunca terei fé nesse sistema; nunca terei fé nesse sistema” – repetido três vezes enquanto se retirava do microfone, deixando sua voz desaparecer assustadoramente.